

O poeta Machado de Assis

Adilson Citelli*

Professor livre-docente no Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP e chefe do Departamento de Comunicações e Artes.

E-mail: citelli@uol.com.br

Machado de Assis, considerado a partir do final do século XX como o maior romancista brasileiro, foi um dos fundadores e presidente da Academia Brasileira de Letras. Obteve projeção mundial com a tradução de suas principais obras para vários idiomas; críticos como Harold Bloom (Estados Unidos), John Gledson (Inglaterra), Anatole France (França) e Susan Sontag (Estados Unidos), entre muitos outros, têm feito da obra machadiana objeto de seus estudos. É conhecido e exaltado por sua ficção, sobretudo pela tríade *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899), todas impregnadas de registros do seu mais fino e inconfundível estilo: desilusão, sarcasmo e amargor. Embora tenha ficado na memória dos leitores por meio de seus romances e contos, Machado foi também cronista, dramaturgo, ensaísta, crítico e poeta.

REPRESENTAÇÕES NA CULTURA

Machado de Assis já foi retratado no cinema, interpretado por Jaime Santos no filme *Vendaval Maravilhoso* (1949) e Ludy Montes Claros no filme *Brasília 18%* (2006). Também teve sua efígie impressa nas notas de NCz\$ 1,00 (um Cruzado Novo, até 1989, com valor de mil cruzados) de 1987. Importantes concursos são criados em todo o mundo levando seu nome, a exemplo de Brasília, realizado pelo SESC-DF.

A revista *Comunicação & Educação*, por ocasião do centenário da morte de Machado de Assis (1839-1908), presta-lhe uma homenagem. De sua fecunda obra, pretendemos apresentar ao leitor uma face do grande ficcionista brasileiro desconhecida por muitos: o poeta Machado de Assis. Ainda que a sua poesia não apresente a sagacidade e a complexidade do pensamento de sua ficção, não deve jamais ser relegada já que, como filha de um gênio, relampeja suas características.

* Com a colaboração de Cristine Vargas (FFLCH/USP).

BIOGRAFIA

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, em 1839. Filho de um pintor mulato e de uma lavadeira açoriana, tornou-se órfão de ambos muito cedo, sendo criado pela madrastra Maria Inês. Já na infância foi acometido de epilepsia e gaguez, males que o acompanhariam durante toda a vida e que lhe dariam uma feição tímida e reservada. Seus primeiros estudos foram realizados em escola pública e acompanhados por um padre amigo, Silveira Sarmento, que lhe ministrou aulas de francês e latim. Entretanto, foi como autodidata que o escritor solidificou sua vasta cultura literária, que incluía renomados escritores internacionais. Seu primeiro ofício foi exercido como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional; pouco tempo depois, foi admitido no *Correio Mercantil*. Em 1860, através de Quintino Bocaiúva, foi introduzido no *Diário do Rio de Janeiro*, para o qual fazia resenhas dos debates do Senado usando uma linguagem sarcástica. Aos trinta anos de idade, casou-se com Carolina Xavier de Novais, que seria sua companheira até a morte. Sua figura inspirou a personagem Dona Carmo, de *Memorial de Aires*.

Posteriormente, ascendeu na carreira de servidor público, primeiro no *Diário Oficial* (1867-1873) e, a partir de 1874, no Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas como primeiro-oficial, aposentando-se no cargo de diretor do Ministério da Viação e Obras Públicas. Amparado pela carreira burocrática, pôde dedicar-se à vocação de escritor. Entre 1870 e 1880 foram publicados *Contos Fluminenses* (1870), *Ressurreição* (1872), *Histórias da Meia-Noite* (1873), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878). A partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), Machado de Assis atinge a maturidade como escritor realista, característica manifestada nas obras subseqüentes: *Histórias sem Data* (1884), *Quincas Borba* (1891), *Várias Histórias* (1896), *Páginas Recolhidas* (1899), *Dom Casmurro* (1900), *Esau e Jacó* (1904) e *Relíquias da Casa Velha* (1906). O último romance, *Memorial de Aires* (1906), foi escrito após a morte de Carolina. Dois anos depois o escritor foi vítima de uma úlcera maligna, falecendo aos 69 anos.

SOBRE A POESIA DE MACHADO DE ASSIS

A primeira manifestação literária de Machado de Assis foi feita justamente através da poesia: aos 16 anos, publicou o poema Ela, no periódico *A Marmota*. A partir desta fase, até os 25 anos, produziu apenas obras teatrais. Somente em 1864 publicou *Crisálidas*, seu primeiro livro de poesias. Seis anos depois vem a público *Falenas*, mesmo ano em que são publicados os *Contos Fluminenses*. *Crisálidas* e *Falenas* apresentam uma mistura de lirismo e parnasianismo; líricos em seus temas e parnasianos por buscarem o preciosismo na forma. Em 1875, publica *Americanas*, que mostra influências do célebre escritor romântico José de Alencar, que acreditava, como tantos outros de sua época, estar no

elemento indígena a genuína poesia brasileira. Em 1901, o escritor publica *Poesias Completas*, uma coletânea de poesias que reúne suas obras anteriores, e a então inédita *Ocidentais*. Nesta última, já estavam esboçadas as características realistas do autor, como a ironia e o niilismo ante o código de aparências a que os homens se impõem na sociedade.

Os poemas apresentados a seguir foram todos escritos em sua maturidade. *A Mosca Azul*, *Círculo Vicioso* e *Suave Mari Magno* retratam o escritor irônico, analítico e mordaz; já *Carolina* é um soneto pleno de lirismo e beleza dedicado à esposa falecida.

A mosca azul

Era uma mosca azul, asas de ouro e granada,
Filha da China ou do Indostão.
Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada.
Em certa noite de verão.

E zumbia, e voava, e voava, e zumbia,
Refulgindo ao clarão do sol
E da lua — melhor do que refulgiria
Um brilhante do Grão-Mogol.

Um poleá que a viu, espantado e tristonho,
Um poleá lhe perguntou:
— “Mosca, esse refulgir, que mais parece um sonho,
Dize, quem foi que te ensinou?”.

Então ela, voando e revoando, disse:
— “Eu sou a vida, eu sou a flor
Das graças, o padrão da eterna meninice,
E mais a glória, e mais o amor”.

E ele deixou-se estar a contemplá-la, mudo
E tranqüilo, como um faquir,
Como alguém que ficou deslembado de tudo,
Sem comparar, nem refletir.

Entre as asas do inseto a voar no espaço,
Uma coisa me pareceu
Que surdia, com todo o resplendor de um paço,
Eu vi um rosto que era o seu.

Era ele, era um rei, o rei de Cachemira,
Que tinha sobre o colo nu
Um imenso colar de opala, e uma safira
Tirada ao corpo de Vichnu.

Cem mulheres em flor, cem nairas superfinas,
Aos pés dele, no liso chão,
Espreguiçam sorrindo as suas graças finas,
E todo o amor que têm lhe dão.

Mudos, graves, de pé, cem etíopes feios,
Com grandes leques de avestruz,
Refrescam-lhes de manso os aromados seios.
Voluptuosamente nus.

Vinha a glória depois; — quatorze reis vencidos,
E enfim as páreas triunfais
De trezentas nações, e os parabéns unidos
Das coroas ocidentais.

Mas o melhor de tudo é que no rosto aberto
Das mulheres e dos varões,
Como em água que deixa o fundo descoberto,
Via limpos os corações.

Então ele, estendendo a mão calosa e tosca.
Afeita a só carpintejar,
Com um gesto pegou na fulgurante mosca,
Curioso de a examinar.

Quis vê-la, quis saber a causa do mistério.
E, fechando-a na mão, sorriu
De contente, ao pensar que ali tinha um império,
E para casa se partiu.

Alvorocado chega, examina, e parece
Que se houve nessa ocupação
Miudamente, como um homem que quisesse
Dissecar a sua ilusão.

Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ela,
Rota, baça, nojenta, vil
Sucumbiu; e com isto esvaiu-se-lhe aquela
Visão fantástica e sutil.

Hoje quando ele aí cai, de áloe e cardamomo
Na cabeça, com ar taful
Dizem que ensandeceu e que não sabe como
Perdeu a sua mosca azul.

Círculo vicioso

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:
“Quem me dera que eu fosse aquela loira estrela
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!”
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:

“Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que, da grega coluna à gótica janela,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela”
Mas a lua, fitando o sol com azedume:

“Mísera! Tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfara-me esta luz e desmedida umbela...
Por que não nasci eu um simples vagalume?”...

Suave Mari Magno

Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.

Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.

Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,
Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.

Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.
Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.

Trago-te flores – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. Machado de Assis: poesia / por Péricles Eugênio da Silva Ramos. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

_____. **Poesias completas**. Rio de Janeiro/São Paulo: W. M. Jackson, 1938.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2001.

HADDAD, Jamil Almansur. **Poemas de amor de Machado de Assis**. Introdução, organização e seleção de Jamil Almansur Haddad. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

Endereço eletrônico

Machado de Assis. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Machado_de_Assis>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2007.